

**O NATURALISMO BIOLÓGICO EM JOHN
SEARLE: A OBJETIVIDADE EPISTÊMICA
E A SUBJETIVIDADE ONTOLÓGICA COMO
ARTÍFICES DA CONSCIÊNCIA**

**BIOLOGICAL NATURALISM IN JOHN SEARLE:
EPISTEMIC OBJECTIVITY AND ONTOLOGICAL
SUBJECTIVITY AS MAKERS OF CONSCIOUSNESS**

Edimar BRÍGIDO (UNICURITIBA),
Fátima SZINWELSKI (FACULDADE VICENTINA),
Felipe GODOI (FACULDADE VICENTINA)*
Brasil

RESUMO: O presente artigo salienta a temática da consciência, como fator crucial nos estudos da mente, partindo de uma retomada histórica, englobando as principais teses que justificam e conceituam este fenômeno. Inicialmente, discutida em meio à problemática “mente-cérebro”, a consciência passa a ter papel de destaque na Filosofia da Mente, alicerçada em duas grandes correntes: monista e dualista. Ambas, teoricamente, provenientes de ramificações do pensamento cartesiano, que divide cérebro e mente em duas substâncias dicotômicas ou as reduzem ao puro materialismo, desprezando a subjetividade. Searle, a partir de seu Naturalismo Biológico, destaca-se como um pensador inovador, que despreza as teorias atuais, propondo a análise dos estados mentais a partir da objetividade epistêmica juntamente à noção de subjetividade ontológica. O autor introduz novos conceitos aos fenômenos mentais, afirmando que a consciência

* Edimar Brígido: Doutor em Filosofia; Professor no Unicuritiba, Brasil. E-Mail: edimarbrigido@hotmail.com

é fruto de processos neurônicos, constatado pela análise biológica de terceira pessoa e que só é percebida, como fenômeno emergente desse processo, em primeira pessoa, pela perspectiva subjetiva de cada ser consciente. Destaca-se, portanto, as principais características que constituem os estados conscientes, a saber: subjetividade, qualidade e unidade. Essas consolidam a tese do autor, e endossam a continuidade de suas pesquisas. Searle se preocupa em consolidar, com bons argumentos, a existência inquestionável da consciência, e abrirá portas para pesquisas vindouras, no que tange o modo como ela se constitui, principalmente sua realização como ontologia subjetiva, propondo uma nova concepção metodológica a ser explorada, que valoriza a experiência de primeira pessoa, ainda incompatível com o modelo de pesquisa científica vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência. John Searle. Naturalismo Biológico. Objetividade epistêmica. Subjetividade ontológica.

ABSTRACT: The present article emphasizes the thematic of consciousness, as a crucial point in mental studies, beginning with a historical resumption, encompassing the main thesis that justifies and concept this phenomenon. Initially, discussed amid the problematic “mind-brain”, the consciousness becomes preeminent in Philosophy of Mind, founding two great strands: monist and dualist. Both, theoretically, come from branches of Cartesian thought, which divides the brain and the mind into two dichotomous substances, or reduce them to pure materialism, neglecting subjectivity. Searle, from his Biological Naturalism, will stand out as an innovative thinker, who despises both theories, proposing the analysis of the mental states from epistemic objectivity together with the notion of ontological subjectivity. The author introduces new concepts to mental phenomena, affirming that consciousness is the result of neuronic processes, verified by the biological analysis of the third person and that it is only realized, as an emerging phenomenon of this process, in the first person, by the subjective perspective of each conscious being. Therefore, we highlight the main characteristics that constitute conscious states, namely: subjectivity, quality, and unity. Therefore, we highlight the main characteristics that constitute the conscious states, namely: subjectivity, quality, and unity. These consolidate the author’s thesis and endorse the continuity of his research. Searle is concerned with consolidating, with good arguments, the unquestionable existence of consciousness, and will open the door for future research in terms of how it is constituted, especially its realization as a subjective ontology, proposing a new methodological conception to be explored. values the first-person experience, still incompatible with the current scientific research model.

KEYWORDS: Consciousness. John Searle. Biological naturalism. Epistemic objectivity. Ontological subjectivity.

1. Introdução

A neurociência, motivada por uma série de avanços em técnicas de neuroimagens e mapeamento cerebral, a partir da década de 1990, passa a ocupar um espaço privilegiado nas academias e estudos a respeito da organização e disposição do conhecimento humano, bem como a estrutura que o produz.

Porém, essa nova expressão científica será questionada, ao sugerir “que o problema mente-cérebro, do qual se ocuparam as filosofias e as religiões, logo será resolvido pela ciência” (Teixeira, 2012, p. 13), isto é, qualquer problema mental é reduzido a soluções químicas, sem necessidade do conhecimento subjetivo, pois este não se encaixa nos padrões de ciência atuais de observação em terceira pessoa.¹ Nesse contexto, nasce uma crítica da Filosofia da Mente a partir de uma *filosofia da neurociência*, objetivando “analisar limites e pretensões” (Teixeira, 2012, p. 18) dessa nova ciência, especialmente no que se refere aos estados conscientes e o modo como objetividade epistêmica e subjetividade ontológica se relacionam.

Inicialmente, discutida em meio à problemática “mente-cérebro”, a consciência passa a ter papel de destaque na Filosofia da Mente, alicerçada em duas grandes correntes: monista (materialista e idealista) e dualista. Muito se questiona sobre a consistência antropológica do *homo sapiens sapiens*, especialmente dessa última característica que o faz consciente de seu ato de pensar: em si e no mundo que o envolve.

Para o filósofo estadunidense John Searle, a problemática da consciência deverá receber uma especial atenção acadêmica, pois a considera o mais importante, “o único e grande problema da Filosofia” (Searle, 2010, p. 10). Teixeira (2012, p. 20) confirma essa ideia quando escreve que “os neurocientistas [...] passaram a falar do tema da consciência como a principal questão a ser resolvida pela neurociência”, o que instigou os filósofos a estudarem-na.

Deste modo se faz necessário uma discussão acentuada a respeito das questões de “cunho epistemológico e de cunho metafísico” (Menon, 2016, p. 95) que compõe o debate entre o modo como a consciência relaciona-se com o corpo, ora

¹ Segundo Searle (2010, p. 27), a consciência é percebida em primeira pessoa: “experimentamos nossos próprios estados conscientes, mas não podemos experimentar ou observar os estados conscientes de outro ser humano ou animal”.

em uma relação de interdependência ora desmembrada da realidade física. Carl Craver (citado por Teixeira, 2012, p. 9) salienta que, se este mistério for plenamente desvelado, com certeza mudar-se-ia radicalmente, o modo como percebemos o mundo, tão profusamente a ponto de se comparar a atitude copernicana.²

As reflexões a respeito dos estados conscientes e sobre o modo como se manifestam nos seres, advém dos pensadores gregos, que já apontavam para a existência de uma estrutura singular, seja como mero depósito de conhecimento, ou como parte constituinte das realidades transcendentais. Segundo Ventura (2009, p. 11), é em Platão que nasce a concepção dualista da mente, separando-a dos fatos biológicos a fim de ascende-la às verdades eternas. Antagônico a essa concepção, e mesmo após ter sido aluno de Platão, Aristóteles entenderá a alma (psique) “como uma união substancial de corpo e mente” (Ventura, 2009, p. 12); a essência estaria nas coisas mesmas e não mais num mundo externo ao corpo.

Esses dois grandes filósofos, já estruturavam as teorias da mente dos tempos vindouros: o estudo dualista³ e o monista materialista.⁴ Este defendendo a ideia de que toda a atividade mental é resultado de variações químicas e biológicas do corpo, de modo que mente e cérebro seriam parte da mesma coisa, reduzindo a consciência a fenômenos físicos, teoria defendida pelos chamados naturalistas, materialistas ou ainda fisicalistas⁵: Ray Jackendoff, Paul e Patricia Churchland, Daniel Dennett, Owen Flanagan entre outros. E aquele, composto pelos chamados dualistas, que compreende as experiências conscientes como fatos “intratáveis do ponto de vista de qualquer tipo de teoria neurocientífica” (Teixeira, 2012, p. 58), uma vez que elas se desvinculam da substância material, emergindo

² A Revolução Copernicana constituiu-se no processo histórico de substituição do sistema geocêntrico (Geocentrismo) pelo sistema heliocêntrico (Heliocentrismo), causando profundas transformações na ciência, religião e demais setores importantes da humanidade.

³ Dividido em dualistas de substância e dualistas de propriedade. A diferenciação será feita, posteriormente, neste trabalho.

⁴ Quis se destacar o monismo materialista pois segundo Dutra (2017, p. 91) “as teorias materialistas ou fisicalistas da mente constituem uma boa parte da Filosofia da mente contemporânea.” Vale destacar, ainda, a existência do *monismo idealista* que sustenta que tudo se reduz a mente (espírito, pensamento). Esta antecede qualquer possibilidade do “teor material”, cuja existência seria fruto do pensamento.

⁵ Importante salientar a existência de dois fisicalismos: o fisicalismo reducionista, que defende a redução de propriedades mentais em propriedades físicas (aquilo que se sente pode ser constatado como fruto de um processo físico); e o fisicalismo eliminativo que se afasta radicalmente do uso de fenômenos mentais na explicação da consciência, por considera-los obsoletos e brevemente superáveis pela neurociência.

como dicotômico, firmando uma realidade dual que não poderia ser mapeada por explicações científicas dada pelos materialistas. São destaques dessa linha de pesquisa os teóricos Richard Swinburne, Thomas Nagel, Frank Jackson e David Chalmers.

John Searle, filósofo norte-americano, em contraposição ao que se tinha em vigência a respeito do assunto, ressurte como antítese ao total reducionismo da consciência à realidade física, bem como à noção dualista, que concebe a consciência como substância metafísica inalcançável. Searle, ao conceber a consciência como fator primordial nos estudos que competem à Filosofia da Mente, empenhar-se-á em “redescobri-la”⁶, por meio de uma nova teoria, diferente das utilizadas até então, a qual denominou Naturalismo Biológico.

2. O mistério da consciência: esforços conceituais gerais e a perspectiva searlina

Os estudos a respeito da problemática mente-corpo começam a ganhar força entre os filósofos da mente. Com conteúdo ainda em construção, emerge a necessidade de uma atualização vocabular e conceitual (Searle, 2006, p. 9), frente a considerável evolução científica e tecnológica dos últimos tempos. Esse fato é evidenciado por Searle (2015a, p. 18), ao constatar que tais atrasos podem ser justificados pela forte influência do pensamento teológico medieval, que estagnara os indivíduos em uma realidade metafísica inacessível, e pela teoria moderna cartesiana, que corroborou no surgimento de teorias eliminativas dos estados conscientes e desprezo de seus estudos (Searle, 2006, p. 11).

Impelido por esse cenário, alguns especialistas contemporâneos iniciam um processo de aprofundamento do tema, motivado pela grande temática da linguagem, que aflora nas atuais Ágoras Filosóficas, onde “milhares de pessoas estão investigando essas questões” (Searle, 2006, p. 8), movimentando novas concepções das realidades mentais, especialmente, quanto ao tema da consciência. Esta que recebe um *status* de grande importância em âmbitos diversos do aspecto vital humano e animal, por designar “o modo pelo qual os seres humanos e animais superiores conduzem as principais atividades de suas vidas” (Searle, 2010, p. 40)

⁶ Referência a uma das principais obras de Searle, a respeito da consciência: *A Redescoberta da mente* (1992).

e “condição que possibilita qualquer coisa ter alguma importância para alguém” (Searle, 1998, p. 26).

Segundo Searle (2010, p. 59), “os paradigmas científicos atuais não nos permitem saber exatamente como a consciência pode ser causada por processos cerebrais [...], mas o problema é análogo a outros problemas aparentemente insolúveis na história da ciência”; logo, uma série de teorias e estudos são instigados nesse momento, cada qual seguindo um método lógico-científico a respeito de como os processos mentais se dão, buscando responder a algumas questões:

“O que é consciência?”, “Que tipo de papel ela desempenha na explicação da cognição humana?”, “Terá a consciência um papel causal na produção do comportamento?”, “Será a consciência um problema filosófico ou científico?”, “Se for um problema científico, será ele resolvido pela neurociência ou pela física?” (Teixeira, 2008, p. 58).

O cartesianismo,⁷ ao dividir o mundo em duas partes, influencia na constituição de duas teorias basilares sobre a conceituação da mente, da consciência e do cérebro: a teoria Monista e a Dualista. A primeira teoria afirma que toda a “atividade mental” é parte constituinte de uma estrutura física ou mental única, negando qualquer separação qualitativa. A segunda, do contrário, defende, veemente, a existência de duas realidades diferenciadas, separando o mental do físico. De acordo com Searle (1998, p. 153) “os dualistas se dividem em ‘dualistas de substâncias’, [...] e ‘dualistas de propriedade’”. O primeiro crê na existência de duas substâncias, uma mental e outra física, e o segundo, na existência duma única substância que apresenta duas diferentes propriedades ou características. Com a ascensão de pesquisas nesse assunto, novos conceitos tendem a aparecer, podendo haver mesclas de elementos entre as teorias.

Segundo Teixeira (2012, p. 28):

[...] nas duas últimas décadas, a Filosofia da mente e a neurociência foram pródigas ao proporem novas teorias da consciência. Contudo,

⁷ Segundo Teixeira (2012, p. 16), “a questão da separação entre matéria e pensamento torna-se particularmente problemática a partir da obra de Descartes, na medida em que ela envolve saber como seria possível a relação entre alma imaterial e um corpo físico.” Nesse contexto nasce com força a divisão *mente-corpo*.

nenhuma delas conseguiu propor uma solução convincente para aquilo que o filósofo australiano David Chalmers chamou de *problema difícil da consciência*.

David Chalmers evidencia a existência de um problema fácil da consciência e outro difícil, isto é, uma propriedade psicológica e outra fenomenal, “[...] a divisão das propriedades mentais em propriedades fenomenais e psicológicas tem o efeito de dividir o problema mente-corpo em dois: uma parte fácil e uma parte difícil” (Chalmers, 1996, p. 21, tradução nossa).⁸

A primeira está diretamente relacionada a uma visão objetiva da realidade mental, com foco nas características estruturais e funcionais da mente, podendo ser traduzida facilmente pela psicologia cognitiva e pelas neurociências (Chalmers, 1995, p. 81). A última, consiste em averiguar como os processos físicos no cérebro dão origem à experiência subjetiva, ou seja, “é saber o que torna um ato de raciocínio, ou a memória, uma experiência consciente” (Teixeira, 2008, p. 34).

O autor chega a alegar que os estados conscientes podem ser “acontecimentos cósmicos único nos seres humanos” (Teixeira, 2008, p. 34), “uma característica fundamental do mundo, do mesmo jeito que massa, carga eletromagnética e espaço-tempo” (Teixeira, 1997, p. 1) não ligada às características corpóreas substanciais. Esse argumento além de retornar à concepção dualista cartesiana, retirando os estados conscientes da relação com o corpo, possibilita a existência de criaturas semelhantes aos humanos, porém destituídos de consciência: os zumbis. Mattos et al (2019, p. 179) explicam melhor essa afirmação:

No intuito de demonstrar que o materialismo fisicalista não é suficiente para explicar a consciência, Chalmers propõe a existência de um ser idêntico ao ser humano no sentido fisiológico, porém sem consciência, um zumbi. O ser faria tudo que um homem comum faz, mas não teria pensamentos, sentimentos, intencionalidade e nem consciência de si.

Outro filósofo dualista é Thomas Nagel. Este afirma não ser possível o acesso ao estudo da propriedade subjetiva da mente (a consciência), assumindo uma

⁸ “the division of mental properties into phenomenal and psychological properties has the effect of dividing the mind–body problem into two: an easy part and a hard part” (Chalmers, 1996, p. 21).

postura cética quanto a clareza do modo como se manifestam os *qualias*.⁹ Para melhor esclarecer seu ponto de vista, usou como premissa a indagação: “*como é ser um morcego?*”,¹⁰ enfatizando que, mesmo sendo possível o conhecimento de todo o aparato neurofisiológico do animal, jamais seria possível ter acesso àquilo que ele *sente*. Segundo o filósofo, essa subjetividade presente em “primeira pessoa”¹¹

[...] não pode ser capturada por uma das análises mentais redutivas familiares e recentemente imaginadas, todas logicamente compatíveis com sua ausência. Nem é analisável em termos de qualquer sistema explicativo de estados funcionais, ou estados intencionais, uma vez que estes podem ser atribuídos a robôs ou autômatos, cujo comportamento assemelha-se ao humano, mas eles não experienciam nada. Não é analisável em termos do papel causal das experiências em relação ao comportamento humano típico, por razões similares (Nagel, 1974, p. 109).

Em resposta a essas afirmações, Daniel Dennett, situado na tradição materialista, nega qualquer espaço interior para consciência, não há um “eu pensante”, e sua existência estaria pautada numa junção de subprocessos que se comunicam entre si, “passando por diversas áreas cerebrais, e se tornando consciente, sem que haja um local ou momento exato para que isso ocorra” (Fagundes, 2009, p. 13). É como se a consciência estivesse no todo cerebral, como “numa cadeia de *inputs* e *outputs* na qual a informação se movimenta” (Peruzzo, 2019, p. 34). Segundo o filósofo, a mente está em constante evolução, adaptando-se às necessidades de seu tempo, sendo a linguagem um exemplo disso. Além de afirmar possibilidade de substituição do estatuto ontológico da consciência pelos *memes*¹² (Peruzzo, 2019, p. 39) Dennett é defensor da construção de modelos artificiais de inteligência, e também de uma espécie de “antropomorficação” das coisas do mundo (Cruz, 2012, p. 1).

⁹ A definição será feita, posteriormente, neste trabalho.

¹⁰ Discussão presente em seu ensaio ‘What is like to be a bat?’ (1974) que “tornou-se clássico, inclusive criando a ideia da consciência como algo que nos traz a noção de ‘*como é ser nós mesmos*’.” (Fiuza, 2011, p. 62).

¹¹ Assim como Searle (2010, p. 5) definirá.

¹² “O conceito de ‘meme’ foi criado por Richard Dawkins no último capítulo de seu famoso livro *O Gene Egoísta* (1976). Um meme seria o análogo cultural do gene, ou seja, ideias, conceitos, comportamentos que passariam de pessoa para pessoa através da imitação e de outras formas de aprendizado social” (Leal-Toledo, 2009, p. 15).

Para John Searle, a explicação da consciência não é tão complexa como parece, chegando a defender a existência de uma resolução “óbvia” (Searle, 2006, p. 8), e “simples” (SEARLE, 2006, p. 7), afirmando que “os fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro, e são, eles próprios, características do cérebro” (p. 7) contrapondo-se à teoria dos *zumbis* de Chalmers, uma vez que

[...] é realmente irrelevante para a questão evolutiva imaginarmos um mundo de ficção científica no qual os pássaros voem sem asas. Ora, o mesmo acontece com a consciência. As inteligências humana e animal funcionam por meio da consciência. (Searle, 2010, p. 39).

Bento Prado Junior (Searle, 1998, p. 16), ao produzir a apresentação do livro *O mistério da consciência* de John Searle, afirma que há dois cerne essenciais no programa de pesquisa do campo da consciência proposto por Searle: “O reconhecimento do papel ‘causal’ do cérebro na constituição da consciência” e o reconhecimento de que a explicação causal da consciência não é nem redutiva, nem eliminativa”, contrapondo-se aos autores anteriores que em algum momento utilizar-se-ão dessas afirmações para suas argumentações.

Em entrevista a Peruzzo (2015b, p. 1), John Searle afirma que o “materialismo, dualismo e outros parecidos, os ismos, têm dificuldade em resolver o problema mente-corpo porque estão à beira de uma série de categorias obsoletas”. Ele encontra certo problema com o uso de determinados termos como: mental e físico, espírito e matéria, corpo e alma, por sugerir um vocabulário oriundo da teoria cartesiana que reforcem a dicotomia entre mente e cérebro.

Searle, reafirma, com veemência, que nem toda a realidade é objetiva, isto é, por mais que a consciência seja “uma parte da ordem biológica natural” (Searle, 2006, p.133) podendo ser explicada objetivamente, o modo como ela se manifesta “é essencialmente subjetiva”, aquilo que Searle definirá como “uma ontologia de primeira pessoa” (Searle, 2006, p. 34).

Considere, por exemplo, a afirmação: ‘Agora tenho uma dor na parte inferior das minhas costas’. Essa afirmação é completamente objetiva no sentido de que é tornada verdadeira pela existência de um fato real, e não é dependente de nenhuma posição, atitude ou opinião de observadores. Entretanto, o próprio fenômeno, a própria dor real, tem um modo subjetivo de

existência, e é neste sentido em que estou dizendo que consciência é subjetiva (Searle, 2006, p. 140).

O filósofo ratifica que “ a exigência científica de objetividade epistêmica não interdita a subjetividade ontológica como um domínio de investigação” (Searle, 2010, p. 64), propondo um novo método de análise científico que critica, dentre outros elementos teóricos, as expressões “obsoletas” (Searle, 2006, p. 9) utilizadas até então por materialistas e dualistas, desenvolvendo um novo processo de “redescoberta da mente”. “[...] Chamarei de naturalismo biológico a concepção resultante que nega ao mesmo tempo o dualismo e o materialismo” (Searle, 2010, p. 71), com perspectivas e conceitos novos, que considerem a atividade mental como ela é.

3. A consciência a partir do Naturalismo Biológico de Searle

Searle tem o propósito de tratar da consciência¹³ – “*consciousness*” – como um meio pelo qual emergem os fatos de sensibilidade (*sentience*) cruciais à vida humana: todas as relações empíricas e subjetivas que o homem mantém diariamente, desde a capacidade de sentir dor e fome, até sentimentos de angústia ou euforia, pensamentos matemáticos, sonhos etc¹⁴.

Defende que esses estados são partes resultantes do aparato biológico natural do cérebro “como quaisquer outras características biológicas: a fotossíntese, a digestão ou a mitose” (Searle, 2006, p. 133), a saber, ela não existiria sem os

¹³ Etimologicamente, a definição de consciência pode causar certa confusão quando citado em um trabalho acadêmico ou até pronunciada em diálogos informais, pois há uma série de conceitos em uma única palavra na língua portuguesa. Deste modo, quando o objetivo é conceituar “a qualidade ou o estado de estarmos conscientes de algo que nos é intrínseco ou extrínseco” (Searle, 2006, p. 123) o indivíduo estará referenciado o termo “*consciousness*” do original inglês; caso objetive definir “a consciência da qualidade moral de sua conduta ou de suas intenções” (p. 123) então tem como cerne o termo “*conscience*”.

¹⁴ Um “sinônimo possível” (Searle, 2006, p. 124) para esse termo é “ciência (*awareness*) que inclui as características do nosso estado de vigília” (Searle, 2010, p. 55), desde acordar de um sono sem sonhos até dormir novamente (ou entrar em coma, ou, ainda, morrer).

processos químicos cerebrais – de nível inferior¹⁵ –, numa relação de “superveniência causal.”¹⁶

Ao propor um novo modo de causação (cérebro-consciência)¹⁷, o autor, utiliza-se de outros exemplos de propriedades micro e macro¹⁸ encontrados na natureza, para esclarecer a relação dos estados conscientes com o cérebro. Segundo Marques (2017, p. 23),

[...] o caráter líquido da água é explicado pela interação entre as moléculas H²O. Desse modo, em nível microscópico, a água é constituída por associações de átomos, nos quais não se encontra o estado líquido. Em nível macro, apenas o arranjo entre os átomos constitui o estado líquido da água [...] assim como a liquidez da água é causada pelo comportamento dos elementos no micronível e, ao mesmo tempo, é uma característica realizada no sistema dos microelementos, o mesmo ocorre com os fenômenos mentais, no sistema cerebral, dispostos de tal maneira que a microestrutura possibilita a emergência de estados conscientes (nível macro).

E, a partir do processo biológico do cérebro (que acontece no nível micro do sistema cerebral), constatado objetivamente, defender-se-á a perspectiva subjetiva como complementação essencial da formação e atividade dos estados conscientes¹⁹. Uma vez causada pelos processos neurônicos, com toda a sua complexidade,

¹⁵ Não numa conotação depreciativa, mas de conceituação quanto às partes constituidoras do processo mental: nível inferior (micro): processos bioquímicos (verificáveis objetivamente, em terceira pessoa) e nível superior (macro): estado subjetivo (verificável somente em primeira pessoa: pode-se estudar objetivamente a consciência ontologicamente subjetiva).

¹⁶ Superveniência, em Filosofia, é um conceito que especifica relação de dependência, normalmente entre conjuntos de propriedades, inicialmente utilizado por Moore e Hare (Dutra, 2017, p. 115) no âmbito da Ética, de modo que “propriedades morais são supervenientes em relação a propriedades naturais” (Searle, 2006, p. 181). No caso do tema deste artigo, segundo Searle (2006, p. 181) há uma superveniência “causal” entre mente e cérebro, que supera uma concepção cartesiana de dicotomia de substâncias, colocando a consciência como uma propriedade de nível superior do cérebro. É importante salientar que, na Filosofia da mente, já na segunda metade do século XX, a noção de superveniência é introduzida por Donald Davidson, embora em outros domínios da Filosofia ela já fosse utilizada.

¹⁷ Evitando ao máximo qualquer tipo de semelhança ao método cartesiano de separação de substâncias.

¹⁸ Como sinônimos de “nível inferior” e “nível superior”.

¹⁹ “[...] parece claro que a consciência serve para organizar um determinado conjunto de relações tanto entre o organismo e seu ambiente quanto entre o organismo e seus próprios estados. [...] além de sua experiência sensorial consciente, o organismo terá também, caracte-

a consciência só poderá ser experienciada, isto é, vivenciada, por meio de uma ontologia subjetiva de primeira pessoa. Inserindo-a como “característica de nível superior [macro] do sistema [cerebral]” (Searle, 2010, p. 43).

Esse nível macro, na qual a consciência está inserida, permite-lhe uma posição singular em relação às demais propriedades emergentes do corpo, que não conseguem atingir tal nível de complexidade. Segundo Searle, três são os “aspectos que a diferenciam de outros fenômenos biológicos e, na verdade, de outros fenômenos do mundo natural. Esses três aspectos são a qualidade, a subjetividade e a unidade” (Searle, 2010, p. 56).

3.1 *Unidade e Qualidade*

A unidade se refere a alegação searliana que “há somente o campo consciente unificado [...] e este assume diferentes formas” (Searle, 2010, p. 84), a saber, experiências sensitivas e mentais de um sujeito ocorrendo ao mesmo tempo (visão, sensação de roupa no corpo etc.). Em suma, há somente um campo consciente que contém diferentes centros de consciência,²⁰ e por isso é preciso “fazer distinção entre as coisas que estão no centro de nossa atenção e as que estão na periferia” (Searle, 2006, p. 198). Quando um motorista dirige, está inserido dentro de uma série de pensamentos e pontos de consciência, seja a respeito de um fato presenciado no caminho, a música no rádio, a necessidade de trocar as marchas etc.

Essa concepção de integração de informações, também contribui para a coerência comunicativa entre sujeitos, pelo uso da memorização de informações e sua ordenação. “Quando digo uma frase, por exemplo, tenho de ser capaz de me lembrar do seu início no momento em que chego ao final” (Searle, 2010, p. 61). Há nesse caso uma unificação de sequência organizada de consciências.

risticamente, experiências de ação. [...] são casos em que a consciência permite ao organismo agir sobre o mundo, produzir efeitos no mundo” (Searle, 2006, p. 157).

²⁰ Alguns autores vão negar a unificação do processo consciente, e concebê-lo como “uma espécie de cadeia na qual a informação se movimenta” (Peruzzo, 2019, p. 34) a partir de *inputs* e *outputs*, assim como argumentou o já citado filósofo Daniel Dennett (1942).

A qualidade, como característica peculiar da consciência, consiste na singularidade das impressões de uma sensação ou pensamento percebidas unicamente pela consciência, de modo que não existe outro aparato ou dispositivo que realize tais funções.

“O problema da consciência é idêntico ao dos *qualia* porque os estados conscientes são acima de tudo estado qualitativo” (Searle, 2010, p. 34). Deste modo, pode-se afirmar que consciência, imbuída de qualidade, “é coextensivo de *qualia*” (Searle, 2010, p. 57) agindo, muitas vezes, como sinônimos nos assuntos de estado de ciência e sensibilidade interna do ser consciente, mesmo sendo evitado pelo autor de referência.²¹ Além da existência desse caráter qualitativo nos estados conscientes, nota-se que as sensações vivenciadas são peculiares, de maneira que cada ser experiência o mundo singularmente.

Cada estado consciente tem uma impressão qualitativa própria. A experiência de saborear uma cerveja é muito diferente da de ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven, ambas têm caráter qualitativo [...]. Cada experiência consciente produz certa impressão qualitativa. Nagel (1974) assinalou que, se os morcegos são conscientes, há algo que é “ser como” um morcego [diferente de outros seres]. Isso distingue a consciência de outras características do mundo (Searle, 2010, p. 57).

3.2 A subjetividade

A subjetividade é um dos elementos peculiares da consciência mais “desafiador aos métodos convencionais da pesquisa biológica e psicológica, e mais confuso para a análise filosófica” (Searle, 2006, p. 139), pois ultrapassa a vigente concepção metodológica de terceira pessoa, pois segundo o autor “os estados conscientes somente existem quando são experimentados por algum indivíduo humano ou animal. Nesse sentido, são essencialmente subjetivos. [...] sem subjetividade não há experiência [...]” (Searle, 2010, p. 58). Assim como destaca Uzai (2015, p. 263):

²¹ “Alguns acreditam que os *qualias* são característicos somente de experiências perceptivas como enxergar cores e ter sensações, como as de dor, mas nesta perspectiva não existiria qualidade no pensamento, algo que, para Searle, é errôneo” (Cardoso; Almada, 2013, p. 240). Por este motivo Searle, prefere não usar tal termo em seus escritos.

[...] se observarmos o funcionamento do cérebro de terceiros, não veremos nada além da mecanicidade do funcionamento cerebral. Não veremos pensamentos, intenções ou emoções. Apenas conjecturamos, fazendo analogia com nossa própria subjetividade, que aquele ser, da mesma espécie que nós, também tem uma vida mental subjetiva.

Searle quer, em seus trabalhos, demonstrar que a consciência, mesmo frente a essa impossibilidade de acesso empírico, tem valor de verdade, isto é, existe como uma ontologia de primeira pessoa, do qual nos leva a desconsiderar a afirmação de que toda a realidade se apresenta como sendo objetiva, porque parte dela é subjetiva. É observável a existência de entidades na natureza (como montanhas, oceanos, átomos etc.) que são ontologicamente objetivas, isto é, sem depender da experimentação dos sujeitos humanos ou animais, porém, por outro lado, Searle defende que há fenômenos cuja existência depende da experiência subjetiva, como é o caso da consciência: “os estados conscientes, por definição, são estados de ciência e sensibilidade internos, qualitativos e subjetivos” (Searle, 2010, p. 34).

Para o autor nem tudo que existe é objetivo, e isso é claro ao considerar que toda a atividade essencial do homem está ligada à consciência, que se realiza subjetivamente. O que há nessa discussão é uma diferenciação conceitual entre os termos “subjetivo” e “objetivo” adotado pelo autor. Para a explicação da objetividade causal da consciência, ele utiliza o viés epistêmico, e para a defesa da existência subjetiva da consciência usa a definição ontológica.

Epistemologicamente falando, ‘objetivo’ e ‘subjetivo’ são primariamente predicados de juízos. Nós frequentemente falamos de juízos como sendo ‘subjetivos’ quando queremos dizer que sua verdade ou falsidade não podem ser resolvidos ‘objetivamente’, porque a verdade ou falsidade não é um simples fato mas depende de certas atitudes, sentimentos e pontos de vista dos que criam e dos que ouvem o Juízo. (...) No sentido ontológico, ‘objetivo’ e ‘subjetivo’ são predicados de entidades e tipos de entidades, e eles atribuem modos de existência (Searle citado por Prata, 2014, p. 56).

Em síntese, os juízos compreendem asserções com base em preferências, pontos de vista ou emoções pessoais (subjetivo), como optar por um tipo de bebida em detrimento de outra, ou são predicados que têm sua verdade resolvida pela objetividade, como o fato da data de nascimento de uma pessoa. As entidades, já representam a existência (objetivo) ou inexistência (subjetivo) de situações

dependentes do sujeito humano ou animal. Um exemplo de ontologia objetiva é o fenômeno da chuva, que não mantém um elo de necessidade com os sujeitos citados. Ontologia subjetiva, pode ser exemplificado pela própria mente, e por necessidade, a própria consciência, uma vez que essas dependem da vivência de um homem ou animal (primeira pessoa).

O naturalismo biológico defende que, mesmo a explicação da consciência sendo feita a partir da perspectiva subjetiva, não causa qualquer problema à realidade científica, pois segundo Searle, em entrevista a Peruzzo (2019, p. 57), “a ciência não nomeia um conjunto de crenças ou verdade, nomeia um conjunto de método para tentar resolver problemas”. O propósito dessa teoria não é inserir um pensamento imaginativo ou fantasioso, mas de reconhecer os fatos, e resolver o problema da consciência.

Para o autor, parece um erro supor que a definição de realidade tenha de excluir a subjetividade, assim como fizeram alguns autores²², pois se o método objetivo trata de realidades do Mundo, então a consciência, manifestação subjetiva de algo existente, é “um fato objetivo da biologia” (Searle, 2015a, p. 33), e se esse fato vai contra a definição de *ciência* “então é a definição, e não o fato, que teremos que abandonar” (Searle, 2015a, p. 33).

4. Considerações finais

A partir do exposto, admite-se a existência da consciência, não como um elemento secundário e “caótico, mas como um trabalho intrinsecamente moldado para funcionar” (Peruzzo, 2017, p. 41) que apresenta características que a faz única e de elevado grau de importância à vida dos humanos e animais. Muitas são as explicações para tal fenômeno, e que basicamente seguiram o pensamento de Descartes, separando mente e corpo, a fim de concebê-las como substâncias dicotômicas.

²² Assim como Armstrong (1980) tacitamente elimina a subjetividade, tratando a consciência simplesmente como uma capacidade de fazer discriminações sobre os estados internos próprios de uma pessoa, e Changeux, neurobiologista francês, que define consciência meramente como um “sistema regulador global que trata de objetos mentais e de computações que usam estes objetos” (Searle, 2006, p. 147).

O naturalismo biológico de Searle é uma forte tentativa de eliminação dessa dualidade, e desse modo, uma teoria inovadora e polêmica. Ao superar a mera análise arquitetônica dos processos biológicos, Searle considera a subjetividade ontológica como fenômeno emergente do cérebro, sem atribuir uma substância específica para tal, mas ratifica que o método epistêmico de terceira pessoa, responsável pelo desprezo da subjetividade e atualmente utilizado no estudo científico, precisa de alterações, pois é limitado quanto a abrangência dos fatos. É impossível conceber a realidade sem considerar a ontologia subjetiva da consciência e dos outros processos decorrentes.

Para isso novos conceitos devem ser inseridos nos estudos da consciência, superando termos obsoletos e avançando quanto ao estudo dos fatos qualitativos, que consideram a primeira pessoa como um meio possível de estudo científico. Requer, nessas condições, um método que a legitime como meio seguro de pesquisa, a fim de compreender com mais detalhe o modo como os estados conscientes se manifestam, se há mais características que os diferem dos demais processos biológicos e se há, ainda, peculiaridades entre as consciências humanas. Essa seja, talvez, um limite da teoria searliana, pois mesmo tendo explicações consistentes sobre a existência e emergência da consciência, ainda apresenta superficialidade em suas exposições sobre a constituição do estado subjetivo, abstendo-se de sugerir algum modelo formal ou até matemático que o explicita.

Como se dá a subjetividade da consciência – além de ser uma manifestação biológica? Onde armazenam-se as experiências qualitativas do ser? Existe possibilidade de interpretação e reprodução de sensações conscientes? Como os disparos neurônicos provocam imagens criativas, sensações de sede, visão etc.? São esses alguns questionamentos que ainda faltam ser elucidados, o autor se defende afirmando que tais interpelações são “desconhecimentos empíricos dos detalhes, e não o resultado de um abismo metafísico entre categorias incomensuráveis [...]” (Searle, 2010, p. 125).

Durante a pesquisa, notou-se o quão importante foi a diferenciação, feita por Searle, quanto as propriedades da consciência e demais órgãos do corpo, pois ficou evidente sua posição de materialista não-reduutivo²³, mostrando não haver redução ontológica entre neurobiológico e mental, mesmo havendo diferenças

²³ Há quem considere Searle um dualista de propriedade, mas o mesmo insiste em negar tal afirmação, pois, para ele, tratar “[...] sobre o mesmo sistema em diferentes níveis” (Searle, 2004, p. 128) não significaria uma asserção de identidade *entre propriedades*, pois, em

metodológicas em suas explicações, principalmente no que se refere aos elementos específicos citados pelo filósofo como a subjetividade, a qualidade e a unidade.

Para Searle, a consciência é realmente a noção central quando se trata de compreender a mente, porque “todas as outras noções mentais – como intencionalidade, subjetividade, causalção mental, inteligência etc. – só podem ser plenamente compreendidas como mentais por meio de suas relações com a consciência” (Searle, 2006, p. 125-126). Deste modo, essas outras noções mentais são possibilidades de novas pesquisas a serem realizadas, e que poderão endossar as discussões do tema em questão.

Referências

- CARDOSO, T. R. DE D.; Almada, L. F. O que é consciência? Uma análise a partir da perspectiva de Searle, *Kínesis*. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 5, n. 10, dez. 2013, p. 22-243, 2013.
- CHALMERS, D. J. *The conscious mind*. In: Oxford University Press. *Search of a fundamental theory*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- . *The puzzle of conscious experience*. *Scientific American*. New York, p. 62–68, dez. 1995.
- CRUZ, D. N. da. A mente e os sistemas intencionais segundo Dennett. *Revista Pontes*. Rio Grande do Sul, n. 32, p. 24-38, 2012.
- DUTRA, L.H.A. *O campo da mente: introdução crítica à Filosofia da Mente*. Florianópolis, 2017.
- FAGUNDES, J. DE O. A. *A consciência vista de fora: a perspectiva de Dennett*. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FIUZA, R. M. *A consciência: uma viagem pelo cérebro*. Rio de Janeiro: Di livros, 2011.

cada nível de complexidade do sistema, teríamos propriedades ontologicamente diversas. O filósofo ratifica essa questão no artigo *Why I Am Not a Property Dualist*, disponível em: <http://faculty.wcas.northwestern.edu/~paller/dialogue/propertydualism.pdf>.

- LEAL TOLEDO, G. Controvérsias meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore. 2009. 467f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- LYRA ET AL. O naturalismo biológico de Searle e a relação mente-cérebro, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Piauí, vol. 32 n. 1, Jan/ Mar 2016, p. 7-15, 2016.
- MARQUES, L. C. A relação mente-corpo e o problema da consciência em Searle. 2017. 102f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.
- MATTOS, M. S. S. K. DE. ET AL. O problema da consciência: por onde começar o estudo? In.: *Revista brasileira de educação médica*. Rio de Janeiro, p. 175-180, 2019.
- MENON, W. *Filosofia da mente*. Curitiba: Intersaberes, 2016. (Série estudos de Filosofia)
- NAGEL, T. Como é ser um morcego? 1974. Tradução de Josemar de Campos Maciel. In: *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*. Goiânia, p. 109-115, 2013.
- PERUZZO, L. O que pensam os filósofos contemporâneos: Um diálogo com Singer, Dennett, Searle, Putnam e Bauman. 1. ed. Curitiba: PUCPRes, 2017.
- PRATA, T. DE A. O caráter dualista da filosofia da mente de John Searle. In: *Discusiones Filosóficas*. Pernambuco, p. 43- 62, 2014.
- SEARLE, J. *A redescoberta da mente*. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 366 p.
- . *Mente, cérebro e ciência*. Tradução de Artur Morão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2015a.
- . *Consciência e linguagem*. Tradução de Plínio Junqueira Smith. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- . *Mente, linguagem e sociedade*. [Entrevista concedida a Léo Peruzzo Junior]. *Revista Príncipe: na internacional journal of epistemology* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, v. 19, n.1, p. 1-181, 2015b.
- . *O mistério da consciência*. Tradução de André Yuji Pinheiro Uema e Vladimir Safatle. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- TEIXEIRA, J. F. *Filosofia do cérebro*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- . *Como ler a filosofia da mente*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

—. A teoria da consciência de David Chalmers. *Scielo Psicol.* Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, vol. 8, n. 2, 1997.

UZAI, P. Uma proposta para solucionar o problema mente-corpo: John Searle e o Naturalismo Biológico. In.: *Anais do Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*, São Carlos, 11 ed, 2015. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/04/Paulo-Uzai-Junior.pdf>>. Acesso em jul de 2019.

VENTURA, W. Uma investigação sobre o problema mente-corpo segundo o ponto de vista de John Searle. 2009. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

Recibido: 21/11/2019

Acceptado: 10/01/2020



ENDOXA está bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0 Internacional